

C
o
r
r
e
s
p
o
n
d
ê
n
c
i
a

Correspondência para/
Correspondencia para/
Correspondence to
Rua Castro Alves, 75 -
apto 06.
CEP 80240-270
E-mail:
janemff@yahoo.com.br

Artigo
Recebido: 13/12/2006
Aprovado: 22/06/2006

ESTUDO COMPARATIVO DAS PRÁTICAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DO ENSINO DE EMPREENDEDORISMO EM UNIVERSIDADES BRASILEIRAS E NORTE-AMERICANAS

ESTUDIO COMPARATIVO DE LAS PRACTICAS DIDACTICO-PEDAGOGICAS DE LA ENSEÑANZA EMPREDITORIAL EN UNIVERSIDADES BRASILEÑAS Y NORTEAMERICANAS

COMPARATIVE STUDY OF THE DIDACTIC-PEDAGOGICAL PRACTICES OF TEACHING ENTREPRENEURIAL SKILLS IN BRAZILIAN AND NORTH AMERICAN UNVERSITIES

Jane Mendes Ferreira, MSc

Unibrasil-PR

janemff@yahoo.com.br

Simone Cristina Ramos, MSc

PUC-PR

simone.cristina@pucpr.br

Fernando Antonio Prado Gimenez, PhD

UnicenP-PR

fapgimenez@psi.win.br

Palavras-chave
Administração;
Empreendedorismo;
Práticas pedagógicas.

Palabras-clave:
Administración;
Emprenditorialidad;
Prácticas Pedagógicas.

RESUMO: O ensino de empreendedorismo é carente de estudos que possam subsidiar a elaboração de metodologia para a formação de empreendedores. Assim, o objetivo deste artigo é contribuir para a compreensão do processo ensino-aprendizagem analisando os conceitos e práticas pedagógicas em instituições de ensino superior (IES). Foram coletados dados de três IES americanas e 21 brasileiras. Os resultados revelam similaridades como a percepção de que os cursos de administração privilegiam a gestão de grandes organizações em detrimento das pequenas e médias, e que o ensino de empreendedorismo pode incrementar o pensamento criativo, a inovação e a habilidade de descobrir problemas e resolvê-los de maneira original. Porém, no Brasil, existe a carência de formação de pesquisadores e professores especialistas.

RESUMEN: La enseñanza de la emprenditorialidad no presenta estudios que puedan subsidiar la elaboración de metodología para la formación de emprendedores. Por eso, el objetivo de este artículo es contribuir a la comprensión del proceso enseñanza - aprendizaje, analizando los conceptos y prácticas pedagógicas en instituciones de enseñanza superior (IES). Fueron recogidos datos de tres IES americanas y 21 brasileñas. Los resultados revelan similitudines como la percepción que los cursos de administración privilegian la gestión de grandes organizaciones en detrimento de las pequeñas y medianas, y que la enseñanza de la emprenditorialidad puede incrementar el pensamiento creativo, la innovación y la habilidad de descubrir problemas y resolverlos de manera original. Por esta causa, en Brasil, existela carencia de formación de investigadores y profesores especialistas.

ABSTRACT: The teaching of entrepreneurial skills lacks studies to support the creation of a methodology for creating entrepreneurs. Thus, the objective of this article is to contribute to the understanding of the teaching-learning process, by analyzing the pedagogical concepts and practices in institutes of higher education (IES). Data were collected from three IHEs in North America, and 21 in Brazil. The results reveal several similarities, such as the perception that business courses give more attention to large organizations than to small and medium sized ones, and the fact that the teaching of entrepreneurial skills may increase creative thinking, innovation and the ability to discover and resolve problems in an creative way. However, in Brazil, there is a lack of training for researchers and specialized teachers.

Key-words:
Administration;
Entrepreneurship;
Pedagogical Practices.

1 INTRODUÇÃO

O empreendedorismo, como campo de conhecimento, ainda está em fase de construção de seus paradigmas que, por sua vez, ajudariam a organizar o processo da pesquisa e desenvolvimento desta área. Segundo Shane (2000), falta um modelo conceitual que explique e preveja o conjunto de fenômenos empíricos não explicados ou previstos pelos modelos já existentes em outros campos das ciências sociais. Essa ausência de paradigmas faz parecer que todos os fatos sejam relevantes, dando uma aparência de aleatoriedade para quem os coleta (BRAZEAL; HERBERT, 1999). Em função disso, numerosos estudos (CARLAND; CARLAND, 1997; DOLABELA, 1999; FILION, 1999; DORNELAS, 2001; GIMENEZ, 2000; DRUCKER, 2003) têm sido feitos para melhor entender e desvendar este fenômeno multifacetado, multinível e multidisciplinar. Para a compreensão total do fenômeno se faz necessário conhecer o processo de formação de empreendedores. Muitas tentativas têm sido feitas para desvendar características de indivíduos empreendedores e identificar a melhor metodologia para este tipo de educação, de forma a promover o desenvolvimento econômico e social por meio deste agente. Apesar dos esforços, estes estudos não se apresentam exaustivos ou conclusivos.

Dado esse cenário, é proposto neste artigo um levantamento dos conceitos e das práticas vigentes nos cursos de graduação em administração das instituições de ensino superior na cidade de Curitiba-PR e a comparação dos resultados com os apontados por Guimarães (2003) em sua análise das IES norte-americanas onde foi verificado como se dá o ensino de empreendedorismo. O objetivo do levantamento proposto é, por meio da análise destes elementos, apontar similaridades e discrepâncias, que subsidiarão recomendações com a intenção de aumentar a eficácia deste tipo de ensino.

Este trabalho está estruturado em revisão da literatura sobre o tema, englobando o empreendedorismo e seu ensino, metodologia com caracterização da pesquisa e população estudada, apresentação dos resultados, discussão e conclusão contendo algumas recomendações.

2 EMPREENDEDORISMO

O empreendedorismo é um tema que tem recebido crescente atenção pelo reconhecimento de seu papel no desenvolvimento econômico das nações em uma época em que grandes corporações estão progressivamente diminuindo sua taxa de ocupação de mão-de-obra por meio de reestruturações e downsizing. As micro, pequenas e médias empresas (PME's) contribuem de forma cada vez mais significativa para a colocação deste efetivo pelo aproveitamento das oportunidades surgidas por meio do movimento de terceirização e de novos nichos de mercado (STANFORTH; MUSKE, 1999). No Brasil, cerca de 67% dos trabalhadores atua em PME's e este tipo de empresa representa 44% do PIB (RAMOS, 2001).

Uma das conseqüências desta crescente atenção é um maior volume de produção teórico-empírica tentando explicar o fenômeno. Como todo novo campo, em que práticas e teorias concorrem por maior legitimidade (ORTIZ, 1983), não há ainda consenso em suas definições e metodologias (SHANE, 2000). Alguns autores apresentam conceitos restritivos sobre o fenômeno e que se pretendem acabados. Porém, neste artigo, procura-se visualizar o empreendedorismo em sua forma mais ampla.

A literatura sobre o tema não apresenta uma clara divisão das linhas de estudo. Guimarães (2002), por exemplo, descreve em sua tese três abordagens distintas focadas no indivíduo. A primeira delas (perspectiva econômica) foca a inovação e seus expoentes que são Cantillon, Say e Schumpeter. Segundo a autora, estes estudiosos procuravam identificar as funções consideradas inerentes a estes agentes econômicos e destacar o seu papel na formulação de processos inovadores em gestão e em tecnologia. Para Souza Neto (2003) esta perspectiva trata do empreendedorismo como elemento participante do processo de criação e distribuição de riquezas. A segunda abordagem é a comportamental que também trata da responsabilidade individual na criação e gestão de negócios, porém se fundamenta em características psicológicas e comportamentais. Os expoentes desta corrente, para a autora, são Everett Hagen, John Kunkel e David McClelland. Na abordagem sociológica, como nas anteriores, o papel do empreendedor como inovador e criador de negócios é destacado, mas são consideradas as características sociais do grupo no qual este indivíduo está inserido. Esta visão do fenômeno tem em Max Weber (1864-1920) seu principal expoente, cujo trabalho tenta explicar a gênese e a peculiaridade do racionalismo ocidental e, por esse enfoque, sua forma moderna. Para o autor este tipo de pensamento é determinado pela habilidade e pela disposição do homem em adotar certos tipos de conduta racional prática. E esta última, em grande parte, é influenciada pelas forças "mágicas e religiosas e as idéias éticas de dever nelas baseadas" (WEBER, 2004, p.32). A escolha da ocupação, para o autor, é decorrente das peculiaridades mentais e espirituais adquiridas do meio ambiente, especialmente do tipo de educação recebida pelo indivíduo no âmbito familiar. Vale ressaltar que ele não tenta explicar a totalidade do "espírito do capitalismo" por meio do estudo das forças religiosas, mas tenta

tornar claro o papel que foi desempenhado por elas ou, em outras palavras, em que medida certas características da cultura econômica moderna podem ser atribuídas à reforma protestante.

Segundo Inácio Júnior (2002) recentemente uma nova corrente tem surgido do entendimento de que o empreendedorismo deve ser visto de uma forma mais integradora que pressupõe o uso de um número maior de variáveis articuladas de forma mais complexa do que a simples relação causa-efeito que é característica dos estudos positivistas. Esta abordagem tenta entender o fenômeno por meio das relações do indivíduo com a criação de novos valores, interagindo com o ambiente em um processo ao longo do tempo. De certa forma, ela se assemelha à "Escola das Configurações" identificada por Mintzberg, Ahlstrand e Lampel (2000) no campo da formação de estratégias, ou seja, o processo de empreender, para ser melhor compreendido, deve ser visto como uma configuração complexa de dimensões individuais, organizacionais e ambientais. O conceito de empreendedorismo adotado nesta produção acadêmica, como será visto mais adiante, pode ser entendido como um representante desta corrente.

Para o escopo deste trabalho entende-se o empreendedorismo de maneira a distingui-lo de seu agente (empreendedor) e de seu produto (organização). O fenômeno, nesta visão, extrapola esta relação e pode ser entendido de forma mais ampla, sendo associado a formas de pensamento e culturas. A definição elaborada aqui remete à teoria dos sistemas que, ao procurar leis que serviriam para explicar diversos fenômenos, descreve a relação dinâmica entre organismos e ambiente. Neste tipo de relação, o sistema combate a entropia (perda de energia) natural e, por meio de *inputs*, *outputs* e *feedback*, busca a perpetuação (BERTALANFFY, 1976).

O significado proposto para o empreendedorismo aponta para um sistema aberto cuja finalidade é promover melhor aproveitamento dos recursos sociais, materiais e cognitivos. A seguir descreve-se os elementos constitutivos deste sistema e a relação entre eles pode ser observada na Figura 01.

Os *inputs* que compõem este modelo são recursos, insatisfação e agente. O agente (empreendedor) é o detentor da insatisfação e o promotor do comportamento empreendedor e pode ser um indivíduo, uma organização ou uma sociedade. Os recursos podem ser físicos ou cognitivos compreendendo desde os monetários, tecnológicos, estruturais e materiais até os estilos cognitivos, modelos de tomada de decisão, percepção de oportunidades e demais habilidades envolvidas na combinação dos recursos. O outro *input* (a insatisfação) tem sido entendido como componente importante da ação humana. Para Freud (1969) a ação é fruto da insatisfação, sendo esta a motivação para a interação com o outro e com a realidade objetiva. Já para os psicólogos comportamentalistas (SKINNER, 1993) a ação é a busca de reforço que pode ser representado pelo reconhecimento social, afetivo ou recompensas materiais. Pode-se conjecturar que a busca desse reforço advém da falta de algo desejado. Com um referencial

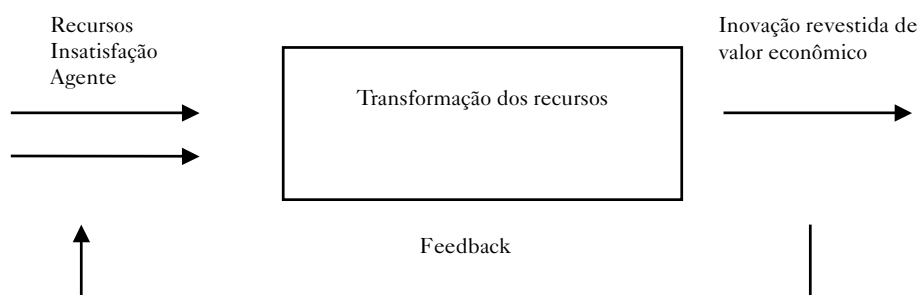
sociológico, Hagen (1967) afirma que a insatisfação com a condição atual leva à ação visando à promoção de mudanças. Neste entendimento de empreendedorismo, a insatisfação é um elemento comportamental ligado à percepção de que a configuração atual não apresenta resultados ideais. Isto leva à busca de um desequilíbrio provisório para a promoção de um arranjo mais eficaz dos recursos, que pode ser associado ao trabalho de Schumpeter (1984) em sua explicação sobre os ciclos de desenvolvimento econômico.

O processo é a transformação dos recursos e compreende as etapas de promoção do desequilíbrio da combinação vigente, construção do novo arranjo em ciclos constantes de equilíbrio-desequilíbrio e resulta em uma inovação revestida de valor econômico.

O resultado (output) é a inovação revestida de valor econômico. Ela não precisa representar necessariamente um ineditismo, mas pode ser um novo arranjo de recursos que permite um melhor aproveitamento deles, tanto no sentido de troca econômica, quanto de melhor utilização cognitiva e social. Pode-se citar, como exemplo, a economia de tempo resultante de um novo arranjo produtivo.

O *feedback* é a retro-alimentação do sistema com informações, regulando o processo e permitindo a melhoria da performance. Ele é que garante o equilíbrio dinâmico (rearranjo) do sistema com o ambiente, sem ele toda alteração ambiental tornaria o arranjo menos eficaz. A principal função do feedback, então, é a adaptação constante do sistema mesmo em ambientes dinâmicos. Podem ser exemplos as informações advindas dos indicadores de desempenho, satisfação dos públicos relacionados à inovação e do próprio empreendedor.

Figura 01: O empreendedorismo como sistema aberto



Fonte: Autores

Após esta breve explanação inicial a respeito do fenômeno, será discutido um de seus desdobramentos, que é o ensino do empreendedorismo.

3 ENSINO DO EMPREENDEDORISMO

Para Teixeira (1989) a história do ensino superior no Brasil tem seu início no século XIX com objetivo principal de formação do clero. Em 1808

foram instaladas, por iniciativa do poder público, instituições de ensino superior de caráter utilitarista, isto é, preocupada apenas com a educação profissional. O autor ainda afirma que o utilitarismo renega o papel de formador da cultura nacional e científica do ensino superior. Já em outros países, como a Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, a educação superior era pautada em um modelo de universidade que contemplava as duas visões, de formadora de cultura e de profissionais.

Até as primeiras décadas do século XX as IES brasileiras eram predominantemente públicas. Em termos numéricos, Teixeira (1989) informa que, em 1889 existiam 14 IES e em 1930, 86 estabelecimentos em sua maioria privados. Nos anos que se seguiram há disseminação dos cursos superiores totalizando 779 entidades em 1968 com cerca de 280 mil alunos. A expansão observada após 1889 pode ser explicada, em parte, pela consolidação da República e seu modelo mais descentralizado de governo (federalista).

Os cursos de administração no Brasil são ainda recentes se comparados com os europeus e americanos. Isto pode ser reflexo da industrialização tardia do país que, mesmo ocupando 43% da mão-de-obra nacional em 1943, somente apresentou um rápido crescimento a partir da década de 1950 (GORENDER, 1988). Naquela década, com a abertura do Brasil ao capital estrangeiro, acentuou-se a necessidade de mão-de-obra especializada e, conseqüentemente, a profissionalização do ensino de administração. Dutra et al. (2001) informam que nos anos 1990 pôde-se notar a expansão dos cursos de administração, existindo no final de 2000 mais de 140 cursos com 110 habilitações, representando cerca de 10% do total de alunos de graduação do Brasil. Tradicionalmente os cursos de administração têm dado atenção à formação de profissionais habilitados a exercer suas funções em grandes empresas.

Uma das conseqüências possíveis do aumento do número de graduandos em administração no Brasil é a intensificação da discussão sobre empreendedorismo. Inicialmente ele era entendido como uma sub-área da administração e, recentemente, vem sendo estruturado como um campo específico do conhecimento, porém ainda em construção dos seus conceitos (BRAZEAL; HERBERT, 1999; SHANE, 2000). Outra interpretação possível para o aumento do debate sobre este campo, é a valorização da pequena empresa como vetor de crescimento econômico, principalmente no final da década de 1970, quando Birch (1979, apud SOUZA NETO, 2003) comprovou que elas eram responsáveis pela criação de cerca de 81% dos novos empregos.

A educação empreendedora tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores (VESPER, 1987; GIBB, 1993 e 1996; CARLAND; CARLAND, 1997; GORMAN, HANLON; KING, 1997; BIZOTTO; DALFOVO, 2001; DUTRA; PEIXOTO, 2001; ANDRADE;

TORKOMIAN, 2001; CARVALHO; ZUANAZZI, 2003; PETERMAN; KENNEDY, 2003; GUIMARÃES, 2003; FERREIRA; MATTOS, 2003) e seus resultados formam um conhecimento parcial sobre sua relevância, métodos e conseqüências, sem, no entanto, constituir um referencial delimitado sobre a melhor maneira de formar empreendedores. Destacam-se a seguir algumas contribuições para o campo.

Em seu clássico trabalho sobre o ensino do empreendedorismo Vesper (1987) aponta que tal prática é ubíqua e atraente, mas que apresenta poucos resultados tangíveis. O autor propõe novos modelos conceituais englobando a) incluir o agir como experiência didática, além do falar, ler e escrever; b) incentivar o contato com empreendedores; c) ter medições de resultados ligados a projetos que resultem em novos negócios; d) criar uma escola empreendedora; e) não limitar as experiências empreendedoras ao calendário escolar; f) ao avaliar a instituição de ensino, contemplar a produção em projetos e sub-projetos de criação de empresas.

Gibb (1993) estudando a relação entre cultura empreendedora e educação, critica o ensino por estudos de caso, pois ele não possibilita a vivência em reais condições de incerteza. Aponta ainda a necessidade de aprimoramento dos professores em todos os níveis da educação, visando à construção de um ambiente empreendedor. Em outro estudo Gibb (1996) indica que o tratamento dado a pequenas e médias empresas pelas escolas de negócio reforça o desinteresse por elas o que pode resultar em uma deficiência na formação dos alunos. Tendo em vista que as oportunidades de trabalho crescem nas pequenas e médias empresas e decrescem nas grandes organizações, esta deficiência dificultaria a atuação profissional perante este cenário.

Diversos estudos tentam propor ou avaliar práticas adequadas para este tipo de educação. Nesta linha, pode-se destacar o trabalho de Gorman, Hanlon e King (1997) que, ao fazerem uma revisão da literatura, notam a necessidade de distinção entre educação empreendedora, empresa e gestão de pequenos negócios e diferenciá-los da abordagem tradicional. Também destacam a falta de multidisciplinaridade nestes cursos. Para Bizzotto e Dalfovo (2001) a reprodução da competitividade do mercado, por simulações e feiras interativas em uma abordagem vivencial baseada nos pressupostos cognitivistas, é adequada para este ensino. Dutra e Peixoto (2001) ao levantarem as práticas vigentes na região de Londrina - PR - Brasil, concluíram que o ensino de empreendedorismo é uma tendência, e que seus principais conteúdos são plano de negócio e marketing. Ao pesquisarem os fatores de influência na estruturação destes programas em instituições de ensino superior (IES) Andrade e Torkomian (2001) enfatizam a necessidade de

criação de um modelo brasileiro que contemple valores culturais, sociais, políticos e econômicos do país. Pesquisando a educação empreendedora de adolescentes e as possíveis alterações da percepção sobre o empreendedorismo em alunos submetidos a um programa de educação empreendedora, Peterman e Kennedy (2003) encontraram evidências de que a experiência pregressa dos participantes exerceu influência sobre seu desejo em abrir novos negócios. Para Carvalho e Zuanazzi (2003) o planejamento das práticas deve levar em consideração as características e expectativas dos alunos.

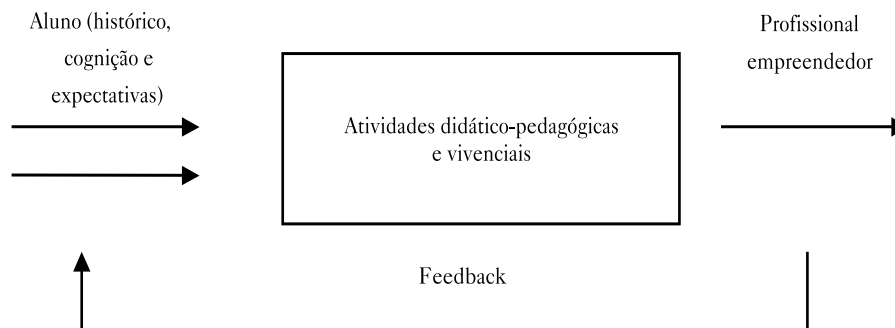
A formação dos docentes é analisada por Urbano (2005) que aponta que os professores de empreendedorismo não possuem formação específica na área e que tal especialização parece ser uma necessidade para o desenvolvimento da educação para o empreendedorismo.

Outro estudo relevante é o de Guimarães (2002) que busca entender como se dá o ensino de empreendedorismo em três grandes universidades americanas. A pesquisadora buscou conhecer os procedimentos pedagógicos e faz uma importante descrição das melhores práticas relacionadas a este tipo de ensino.

Buscando uma abordagem integradora, Carland e Carland (1997) discutem a questão da elaboração do currículo e apontam que o mais comum é uma preocupação fortemente ligada ao produto final desejado. Na visão dos autores, o currículo é um sistema dinâmico e, como tal, dotado de entradas e saídas. Para eles, a ênfase no produto final é exagerada, pois também é necessário o acompanhamento das entradas caracterizadas como expectativas e características dos estudantes.

Levando em conta esta abordagem e o conceito do empreendedorismo como um sistema aberto exposto anteriormente, entende-se educação para o empreendedorismo como um processo de transmissão/aquisição do conhecimento sobre o ambiente e sobre o próprio indivíduo que visa contribuir para o desencadeamento de habilidades, atitudes e comportamentos para a prospecção e exploração de oportunidades visando transformar o meio em que vive pelo desenvolvimento econômico, social e cultural. Pode-se representar o conceito proposto como um sistema (Fig. 02) onde as entradas são o repertório comportamental e cognitivo do aluno incluindo suas experiências anteriores, habilidades e expectativas. O processo é um conjunto de atividades didático-pedagógicas e vivenciais cuja finalidade é o desenvolvimento de empreendedores. As saídas são os indivíduos com habilidades, atitudes e comportamentos que possibilitem a prospecção e a exploração de oportunidades revestidas de valor econômico. O feedback é o resultado das avaliações que englobam resultados tangíveis como o número de empreendimentos e a alteração do perfil do aluno e intangíveis como a promoção da auto-realização.

Figura 02: Educação para o empreendedorismo.



Fonte: Autores

Após esta rápida revisão, é possível perceber que o conhecimento sobre o tema é fragmentado e necessita de estudos empíricos para consolidar uma perspectiva unificadora que fundamente futuras pesquisas e subsidie o planejamento e a prática da educação para o empreendedorismo. A partir deste entendimento foi realizado um estudo sobre o tema que será descrito a seguir.

4 METODOLOGIA

Usando os critérios de classificação desenvolvidos por Cooper e Schindler (2003) pode-se classificar esta pesquisa como exploratória (propósito imediato de exploração e subsidiar a formulação de hipóteses ou questionamentos para pesquisas futuras); seu método de coleta de dados (no caso do Brasil) como interrogação/comunicação utilizando entrevista estruturada. No caso das IES norte-americanas, os dados provêm da tese de doutoramento em administração de Guimarães (2002).

Em relação ao controle de variáveis ela é *ex post facto* pela impossibilidade de manipulação destes elementos; quanto ao propósito da pesquisa pode-se enquadrá-la como de levantamento tendo-se em vista que o propósito estabelecido foi conhecer o objeto sem buscar relações causais; no quesito dimensão de tempo o trabalho realizado representa um corte transversal e no item ambiente é uma pesquisa de campo.

A população escolhida, no caso brasileiro, foi os cursos de graduação em administração da cidade de Curitiba, capital do Estado do Paraná, por se tratar de um importante centro de formação profissional e ter uma relevante atividade econômica no contexto estadual. Foram identificadas 21 IES e, dado o reduzido tamanho da população, optou-se pelo censo ao invés da utilização de técnicas de amostragem. Em relação à unidade de

análise optou-se por entrevistar os coordenadores de curso dado o entendimento de que a visão destes influencia o planejamento e a execução das atividades didático-pedagógicas das IES.

O contato com os coordenadores foi primeiramente por telefone para verificação do interesse de participação e posterior agendamento da entrevista (única) que foi realizada no período de fevereiro a abril de 2004.

A entrevista estruturada foi elaborada em acordo com a revisão de literatura sobre o tema e contemplava o levantamento do conceito de empreendedorismo vigente na IES, a relevância atribuída ao fenômeno, e check list para verificação das principais práticas e conteúdos ministrados em relação ao tema empreendedorismo.

No caso norte-americano foram investigadas três IES dos Estados Unidos escolhidas por conveniência. Os dados primários foram levantados por entrevistas a pessoas-chave destas instituições (coordenadores e docentes), análise documental dos materiais institucionais, curriculum vitae dos professores, projetos de pesquisa e planos de ensino. Também foram levantados dados secundários nos compêndios sobre ensino de empreendedorismo publicados por Vesper em 1993 e periódicos da área.

Nos dois casos foram investigadas as seguintes dimensões: conceito de empreendedorismo, características do planejamento, estágio de desenvolvimento e práticas didáticas. Estas foram escolhidas por constituírem elementos fundamentais (VESPER, 1993; GUIMARÃES, 2003; BIZZOTTO; DALFOVO, 2001) do processo ensino-aprendizagem e permitirem a construção de um panorama geral sobre o fenômeno. Elas se articulam com o conceito de educação para o empreendedorismo como um sistema aberto, pois permitem a avaliação dos inputs, processo, outputs e feedback.

O tratamento dos dados foi feito utilizando técnicas de análise de conteúdo em relação às perguntas abertas constantes do instrumento de pesquisa e levantamento de frequências das questões fechadas.

As limitações deste estudo não permitem sua extrapolação para outras populações, pois dado o tamanho reduzido da população, não possibilita análises estatísticas mais refinadas. A utilização de check list, no estudo brasileiro, também pode ser entendida como uma limitação. Em trabalhos futuros as práticas poderiam ser levantadas por pergunta aberta, o que talvez resulte em maior acurácia. Como outra limitação pode ser apontado o respondente único, pois não permite o confronto com outras percepções acerca do mesmo fenômeno. Uma recomendação para futuros estudos é a triangulação entre as visões do coordenador, professor e aluno, além de análise documental (planos de ensino, curricula, ementas).

5 RESULTADOS

5.1 IES BRASILEIRAS

Distribuídos entre as 21 IES pesquisadas, os cursos de graduação em administração possuem em torno de 18.000 alunos. Do total de IES, 19 aceitaram participar da pesquisa e duas, mesmo depois de repetidos contatos telefônicos, não demonstraram interesse/disponibilidade. Das IES participantes, duas não promovem o ensino de empreendedorismo, uma por não ter interesse e outra reconhece a relevância e alega possuir projeto pedagógico a ser implantado contemplando-o. Como o objetivo desta etapa do estudo é levantar dados sobre ensino de empreendedorismo no Brasil, estas duas IES não tiveram seus dados analisados. Pela frequência (17) e baixo tempo médio desde a implantação (média de três anos, indo de um a oito anos), pode-se especular que o ensino do empreendedorismo é uma tendência. Esta idéia também é reforçada pelo relato das demandas externas (empresas, governo e sociedade em geral) e interna (alunos, professores e direção) percebidas por 13 coordenadores.

As respostas referentes ao conceito de empreendedorismo vigente foram agrupadas em cinco eixos: criação de novos negócios, gestão de empresas, características individuais, promoção da inovação e generalista que engloba aspectos ligados aos eixos anteriores. Os dados coletados apontaram diversidade no entendimento do fenômeno, predominando uma visão generalista (representada por sete IES) que engloba aspectos de criação de novos negócios, gestão de empresas, características individuais e inovações. As visões específicas são representadas pelos seguintes resultados: três IES ligam o fenômeno à criação de novos negócios, três à gestão de negócios, duas à promoção da inovação e duas às características individuais. São falas que refletem estas compreensões:

[...] empreendedorismo é uma noção geral da administração mais habilidades para montar ou continuar negócios...

[...] é a disposição para iniciar uma atividade econômica...

[...] é a sistematização das atividades através do business plan."

[...] é a busca do novo, da inovação.

[...] é um conjunto de características ligadas ao scanning do ambiente e à habilidade de identificar oportunidades.

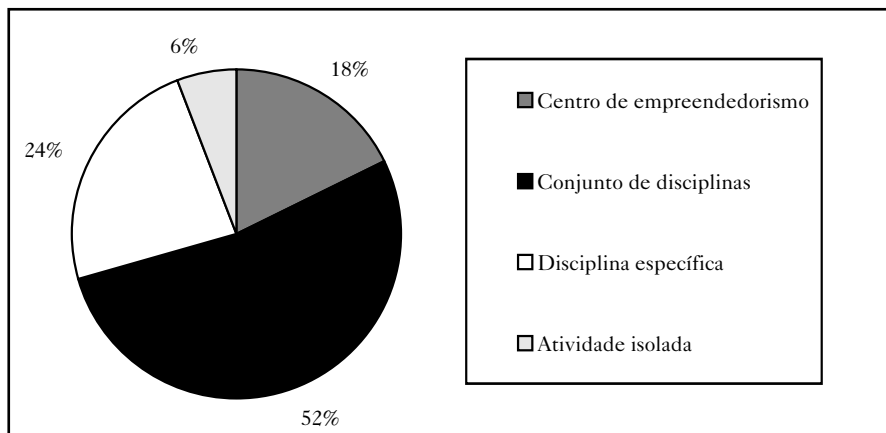
Ao serem questionados sobre a importância do fenômeno, os respondentes afirmaram se tratar de um processo importante pela possibilidade de gerar emprego, renda e inovações. A respeito disto, pode-se conjecturar que há a compreensão da literatura e percepção da relevância da pequena empresa na economia brasileira. Contudo, apesar desta

compreensão, ao estabelecer convênios, apenas seis IES incluem pequenas e micro empresas no rol de conveniadas. As demais têm uma clara preferência por grandes empresas. A justificativa relatada remete ao desejo de maior atratividade de seus cursos frente à sociedade.

O item planejamento foi dividido em três subitens: objetivos claros, recursos delimitados e metodologia definida. Os resultados demonstram a fragilidade das atividades de planejamento com apenas 13 IES tendo objetivos claros, dez apresentando recursos delimitados e nove contando com metodologia definida. Sendo assim, quatro das IES ensinam empreendedorismo porém sem saber quais resultados esperar, sete IES não fornecem recursos para esta atividade e oito não delimitam metodologias específicas para este tipo de ensino. A falha no planejamento das atividades de ensino pode levar a um comprometimento dos resultados e talvez seja reflexo do estágio de maturidade da inserção do tema no curso, com idade média de apenas três anos.

Segundo Andrade e Torkomian (2001), a educação empreendedora segue diferentes estágios que refletem a abrangência desse tipo de ensino nas IES. Para os limites deste trabalho, são propostos os seguintes estágios: centro de empreendedorismo (elevado grau de estímulo à atividade empreendedora), conjunto de disciplinas específicas (diversas disciplinas dentro de uma estratégia de formação empreendedora), disciplina específica (formalização pela presença de uma disciplina na grade curricular) e atividades isoladas (geralmente informais demandadas por alunos ou estimuladas por professores). Todos os estágios descritos foram encontrados na população estudada e sua frequência indica uma tendência à formalização das atividades e à interdisciplinaridade. As respostas obtidas estão demonstradas no gráfico 01:

Gráfico 01 Estágios de desenvolvimento das IES estudadas.



Fonte: Autores

As práticas pesquisadas foram agrupadas em quatro eixos: teóricas (aulas expositivas, trabalhos teóricos individuais e em grupo, exigência de ficha de leitura e provas dissertativas), práticas (estudos de caso e trabalhos práticos individuais e em grupo), incentivo à rede de relacionamentos (seminários com executivos e empresários, visitas a empresas, tarefa extra-classe que exige visita a empresa) e de simulação de atividades empreendedoras (desenvolvimento de produto ou empresa fictícia, elaboração de plano de negócio). Toda população apresentou práticas que contemplam os quatro eixos o que pode refletir uma preocupação com a formação integral do aluno-empresendedor.

A frequência das práticas está apresentada na tabela 01. Destes dados destacam-se as práticas menos utilizadas como adoção de livro texto, pesquisa, exigência de ficha de leitura e estágio voltado à área. Ainda no quadro das práticas pouco frequentes, estão as atividades individuais teóricas e práticas, ambas sendo utilizadas por 11 IES, o que sugere o favorecimento das atividades em grupo.

Tabela 1 - Frequência das práticas no caso brasileiro

PRÁTICAS	FREQÜÊNCIA	%
Estudos de caso	17	100
Visitas a empresas	17	100
Plano de negócios	17	100
Aulas expositivas	15	88
Trabalhos teóricos em grupo	15	88
Trabalhos práticos em grupo	15	88
Seminários com executivos e empresários	15	88
Tarefa que exige visita a empresa	15	88
Criação de empresa	15	88
Aplicação de provas dissertativas	14	82
Atendimento individualizado	13	76
Criação de produto	12	71
Trabalhos teóricos individuais	11	65
Trabalhos práticos individuais	11	65

Adoção de livro texto	09	53
Pesquisa	07	41
Exigência de ficha de leitura	04	24
Estágio	03	18

Fonte: Autores

Das IES estudadas, duas possuem sistemas de mensuração em relação às características individuais e interesse dos alunos pelo empreendedorismo. Os resultados encontrados por elas demonstram haver interesse (75% em duas IES) e baixa frequência das características associadas ao perfil empreendedor (20% em uma IES). Apenas uma IES mede formalmente o resultado em função do número de novos negócios gerados e pôde constatar a abertura de cerca de quatro empresas por ano, o que representa aproximadamente 10% dos projetos apresentados.

5.2 IES NORTE-AMERICANAS

As três IES norte-americanas (Babson College, Universidade de Saint Louis e Universidade de Indiana) estudadas por Guimarães (2002) têm, em conjunto, 105.000 alunos em diversas áreas do saber. Todas contemplam em seu escopo disciplinas voltadas para a formação de empreendedores desde 1967, 1958 e 1973 respectivamente. Os documentos, as publicações e os investimentos destas IES neste tipo de educação sugerem que a formação de empreendedores é entendida como um importante elemento de seu sistema educacional. O entendimento deste elemento, em certa medida, "incorpora os conceitos e pressupostos sobre o empreendedor e o processo de empreender originados da literatura econômica e das ciências sociais e do management [...]" (GUIMARÃES, 2002, p. 282).

O material de divulgação e didático-pedagógico das IES demonstra um completo planejamento, contemplando a descrição de objetivos, metodologias e delimitação de recursos para este tipo de ensino. Recursos, neste caso, podem ser entendidos não só como material e mão-de-obra especializada, mas também como financiamento direto de práticas de aprendizagem. Na *Babson College*, por exemplo, é emprestada a quantia de US\$ 3.000,00 a grupos de alunos responsáveis por perceber uma oportunidade, desenvolver um produto, criar, gerenciar e encerrar uma empresa real. No final do ano fiscal, caso a empresa tenha lucro este é doado a entidades assistenciais. No caso inverso a *Babson* assume o prejuízo.

Em relação ao estágio de desenvolvimento, todas as IES podem ser definidas como centro de empreendedorismo, pois apresentam um elevado grau de estímulo à atividade. Este estímulo é caracterizado pela presença de um conjunto de disciplinas sobre o tema para cursos de graduação e pós-graduação, fomento à pesquisa e publicação, contratação de professores-pesquisadores com formação específica na área e promoção de contatos com agentes relevantes no âmbito do empreendedorismo.

Suas práticas também podem ser agrupadas em quatro eixos: teóricas (aulas expositivas, trabalhos teóricos individuais, exigência de ficha de leitura e provas dissertativas), práticas (estudos de caso e trabalhos práticos individuais e em grupo), incentivo à rede de relacionamentos (seminários com executivos e empresários, tarefa extraclasse que exija visita a empresa) e de simulação de atividades empreendedoras (desenvolvimento de produto ou empresa fictícia, elaboração de plano de negócio). As três IES relataram adotar práticas que contemplam os quatro eixos.

Algumas práticas são adotadas por todas as IES pesquisadas (estudo de caso, plano de negócios, aulas expositivas, trabalhos práticos em grupo, seminários com executivos e empresários, criação de empresa e exigência de ficha de leitura). Outras são adotadas por uma ou duas IES (tarefa que exige visita a empresa, aplicação de provas dissertativas, trabalhos teóricos e práticos individuais, e adoção de livro texto).

Não foi verificada a existência de mensuração dos resultados associados a este tipo de ensino, nem acompanhamento da trajetória dos egressos.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os dados apresentados permitem apontar algumas similaridades e discrepâncias e, por fim, subsidiam recomendações para o aprimoramento da formação de empreendedores. Por se tratar de duas amostras em contextos diferentes, o termo "comparação" (que significa dispor aos pares) não se aplica totalmente. A importância do emparelhamento dos dados encontra-se na possibilidade de revelar caminhos possíveis para o aprimoramento do ensino no Brasil.

O ensino de administração, nos dois contextos, possui demanda significativa. Este curso apresenta um viés para a formação de profissionais habilitados para a atuação em grandes organizações. O que condiz com autores (GIBB, 1996; CARLAND; CARLAND, 1997; TOMIO; HOELTGEBAUM, 2001) que afirmam que o curso de administração forma profissionais para atuar em grandes corporações e reflete a percepção de professores e alunos de que elas são mais complexas e interessantes (CARLAND; CARLAND, 1997). Nota-se, porém uma tendência (mais antiga no caso americano) de contemplar conteúdos e práticas relacionados à criação e à gestão de pequenas e

médias empresas. O ensino do empreendedorismo nas IES vem se consolidando como uma prática recorrente na formação do profissional de administração. A tendência verificada neste estudo pode ser explicada pela valorização do papel das pequenas e médias empresas e o reconhecimento de sua relevância no panorama econômico-social das nações (GEM, 2002). Tal prática pode ser reforçada por uma maior integração das IES com pequenas e médias empresas. Pelos resultados apurados no Brasil, esta ligação apresenta-se ainda incipiente.

Em relação ao conceito de empreendedorismo que guia os conteúdos e práticas nas IES, os dois conjuntos de dados refletem a literatura da área e o estágio de amadurecimento do campo, mesclando conceitos econômicos, comportamentalistas e sociais.

Em relação ao planejamento (objetivos claros, metodologia definida e recursos limitados), as IES norte-americanas pesquisadas demonstram clareza em todos os quesitos. Já no caso brasileiro, ele se mostra muitas vezes incompleto. A falta de itens do planejamento pode comprometer a qualidade deste tipo de ensino. O estabelecimento de objetivos claros permite auxiliar na escolha das metodologias adequadas e delimitação de recursos, condições necessárias para a concretização da educação. A diferença verificada entre as IES norte-americanas e brasileiras pode ser derivada do estágio de desenvolvimento em relação ao ensino de empreendedorismo em que se encontram.

Refletindo sobre o estágio de desenvolvimento das IES norte-americanas estudadas pode-se conjecturar que elas são caracterizadas como centros de empreendedorismo por adotarem esta prática há mais tempo e investirem em atividades de pesquisa, contratação de professores de formação específica, integração com a comunidade e agência de fomento. Já no caso brasileiro, a diversidade encontrada pode ser explicada pela recente adoção do ensino de empreendedorismo e pelo incipiente investimento em pesquisa. Outro fator que pode explicar parte deste fenômeno é a falta de docentes especializados no assunto.

Uma similaridade encontrada entre os dois conjuntos de dados foi a adoção de práticas de ensino variadas englobando os quatro eixos definidos para este estudo: teórico, prático, incentivo à rede de relacionamentos e simulação de atividades empreendedoras. Esta estrutura, que alia momentos de aquisição do conhecimento com momentos de utilização do novo repertório, é reconhecida como adequada para o ensino do empreendedorismo (DOLABELA, 1999; GUIMARÃES, 2002) por ser orientada para a ação, baseada na experiência e de caráter vivencial. Tal combinação pode favorecer o pensamento criativo, a inovação e a habilidade de descobrir problemas e resolvê-los de maneira original.

Foi verificada também a carência de mensuração de resultados em ambos os contextos. Como em qualquer prática pedagógica a proposição de

objetivos e a mensuração de resultados alcançados é uma importante fonte de informações, capaz de retro-alimentar o sistema e promover sua melhoria (HINDLE; CUTTING, 2002; GUIMARÃES, 2003). A falta desta medição pode dificultar o êxito do ensino de empreendedorismo, pois, conforme Carvalho e Zuanazzi (2003), conhecer o aluno e suas expectativas é um pré-requisito para sua efetividade. Outra consequência possível seria a não legitimação deste tipo de ensino pela falta de evidências de seu papel na promoção do desenvolvimento de empreendedores. Sem demonstração de sua efetividade, ele corre o risco de ser entendido como um modismo e ter dificuldade na obtenção de recursos internos e externos para sua continuidade. O resultado da mensuração pode ser fonte de validação dos conceitos sobre empreendedorismo e auxiliar no desenvolvimento deste campo. Uma justificativa possível da incipiente medição de resultados no Brasil pode ser a falta de turmas formadas que permitam o seu acompanhamento. O discernimento das necessidades e expectativas da sociedade também é fundamental para que os resultados obtidos sejam condizentes com os almejados. Neste sentido, este estudo está condizente com o trabalho de Dutra et al. (2001) ao afirmar que a estruturação dos cursos de administração deve atender às demandas da sociedade. Esta análise fundamenta a recomendação da adoção de sistemas de mensuração de resultados e acompanhamento dos egressos para subsidiar o aprimoramento e efetividade deste ensino.

Entendendo o empreendedorismo como um sistema aberto, faz sentido entender o currículo da educação empreendedora também como sistema e como tal interligado com a realidade ao seu redor. O ensino do empreendedorismo deve então, respeitando as potencialidades dos indivíduos, integrar o ser e o fazer numa atitude pró-ativa diante do aprendizado, transformando pessoas em agentes propulsores de desenvolvimento econômico e social. Neste entendimento, a mensuração de resultados é uma atividade fundamental por permitir a manutenção do equilíbrio entre o sistema e seu meio por meio do feedback.

As principais contribuições deste estudo são: a) a construção de um conceito de empreendedorismo para além de sua relação com o agente e o produto através de seu entendimento como um sistema aberto; b) a delimitação de um modelo de educação empreendedora como sistema aberto o que tem como consequência o entendimento do ensino como um processo dinâmico dotado de entradas (demanda dos alunos e sociedade) e saídas (profissional empreendedor); c) o levantamento das práticas e conteúdos acerca do empreendedorismo tratados nas IES de Curitiba; d) permitir a verificação das similaridades e diferenças no ensino de empreendedorismo nos contextos brasileiro e norte-americano, o que sustenta a recomendação da elaboração de métodos de mensuração de resultados.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, R. F.; TORKOMIAN, A. L. V. Fatores de influência na estruturação de programas de educação empreendedora em instituições de ensino superior. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001. p. 299-311
- BERTALANFFY, L. Von. **Teoria dos sistemas**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- BIZZOTTO, C. E. N.; DALFOVO, O. Ensino de empreendedorismo: uma abordagem vivencial. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001. p. 142-153.
- BRAZEAL, D. V.; HERBERT, T. T. The Genesis of Entrepreneurship. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 23, n.3, p. 29-45, 1999.
- CARLAND, J. A.; CARLAND, J. W. **Entrepreneurship Education: an integrated approach using an experiential learning paradigm**. Conference Internationalizing Entrepreneurship Education and Training, Monterey Bay (California/USA), June, 1997.
- CARVALHO, C. E.; ZUANAZZI, J. Análise das Características Comportamentais Empreendedoras de Alunos de Graduação em Administração. IN.: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas. 3., 2003, Brasília. **Anais...**Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003, p. 312-327.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.
- DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**, São Paulo: Campus, 2001.
- DRUCKER, P. F. **Inovação e Espírito Empreendedor: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2003.
- DUTRA, I.; PEIXOTO, R. B. O Ensino de Empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior da Região de Londrina. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- DUTRA, I. S. et al. Os Egressos no Curso de Administração e sua Formação Empreendedora. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- FERREIRA, P. G. G.; MATTOS, P. L. C. L. Empreendedorismo e Práticas Didáticas nos Cursos de Graduação em Administração: os estudantes levantam o problema. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 27., 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: Enanpad, 2003.
- FILION, L. J. Diferenças entre Sistemas Gerenciais de Empreendedores e Operadores de Pequenos Negócios. **Revista de administração de Empresas**, v.39, n.4, p.6-20, 1999.
- FREUD, S. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. v. 15. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GEM 2002. Global Entrepreneurship Monitor. **SEBRAE/ IBOP**. Paraná, 2003.
- GIBB, A. A. The Enterprise Culture and Education: understanding enterprise education and its links with small business, entrepreneurship and wider educational goals. **International Small Business Journal**, v.11, n.3, p.11-34, 1993.
- GIBB, A. A. Entrepreneurship and Small Business Management: can we afford to neglect them in the twenty-first century business school? **British Journal of Management**, v.7, p. 309-321, 1996.
- GIMENEZ, F. A. P. **O estrategista na pequena empresa**. Maringá: [s.n.], 2000.
- GORENDER, J. **A burguesia brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- GORMAN, G.; HANLON, D.; KING, W. Some Research Perspectives on Entrepreneurship Education, Enterprise Education and Education for Small Business Management: a ten-year literature review. **International Small Business Journal**, v.15, n.3, p. 56-77, 1997.
- GUIMARAES, L. **A Experiência universitária norte-americana na formação de empreendedores** - contribuições das Universidades de Saint Louis, Indiana e Babson College. São Paulo, 2002. 307 f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

- GUIMARÃES, L. O. Empreendedorismo no Currículo dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Administração: análise da organização didático-pedagógica destas disciplinas em escolas de negócio norte-americanas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Administração, 27., 2003, Atibaia. **Anais...** Atibaia: Enanpad, 2003.
- HAGEN, E. E. O Processo de Mudança. In.: DURAN, J. C. G. **Sociologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- HILDLE, K; CUTTING, N. Can applied Entrepreneurship Education Enhance Job Satisfaction and Financial Performance? An Empirical Investigation in the Australian Pharmacy Profession. **Journal of Small Business Management**, v. 40, n. 2, p. 162-167, 2002.
- INACIO JUNIOR, E. **Empreendedorismo e liderança criativa**: Um estudo com os proprietários-gerentes de empresas incubadas no Estado do Paraná. Maringá, 2002. 136 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Maringá/PR.
- MINTZBERG, H; AHLSTRAND, B; LAMPEL, J. **Safári da Estratégia**. Porto Alegre: Bookman, 2000.
- ORTIZ, R. (Org.). **Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- PETERMAN, N. E.; KENNEDY, J. Enterprise Education: Influencing Students' Perceptions of Entrepreneurship. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 28, n.2, p. 129-144, 2003.
- RAMOS, S. M. **Gestão estratégica aplicada à micro e pequena empresa brasileira**. Curitiba, 2001. Trabalho de especialização (Pós-graduação em Controladoria) UFPR.
- SCHUMPETER, J. A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1984.
- SHANE, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. **Academy of Management Review**, New York, v. 25, I. 1, p.217-227, 2000.
- SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.
- SOUZA NETO, B. **Contribuição e elementos para um metamodelo empreendedor brasileiro**: o empreendedorismo de necessidade do "virador". Rio de Janeiro, 2003. 206 f. Tese (Doutorado em Ciências da Engenharia de Produção) Programas de Pós-Graduação em Engenharia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- STANFORTH, N.; MUSKE, G. Family and Consumer Sciences Students' Interest in Entrepreneurship Education. **Journal of Family and Consumer Sciences**, v. 91, n. 4, p. 34-38, 1999.
- TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- TOMIO, D.; HOELTGEBAUM, M. A Problemática da formação dos administradores: o empreendedorismo como alternativa de adaptação no ensino do curso de administração. In: Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2., 2001, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- URBANO, A. The achievement of the European doctoral programme (EDP) and the world declaration of higher education: an examination. In: Internationalizing Entrepreneurship Training and Education, 15., 2005, **Proceedings...** Guildford: University of Surrey, 2005.
- VESPER, K. H. Entrepreneurial Academics - how can tell when the field is getting somewhere? **Journal of Business Management**, v. 25, n. 2, p. 1-8, 1987.
- WEBER, M. A **Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Porto Alegre: Martin Claret, 2004.

